

MÉDIUNS CURADORES**MÉDIUNS CURADORES****REVISTA ESPIRITA - JORNAL DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS****ALLAN KARDEC****SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS****6º ANO****NO. 12****DEZEMBRO 1863****UM CASO DE POSSESSÃO. Senhorita Julia.**

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado.

Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas achavam-se um dia na casa de uma senhora médium sonâmbula. De repente esta tomou ares todos masculinos, sua voz mudou, e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: "Ah! meu caro amigo, quanto estou contente de te ver!" Surpresos, perguntou-se lhe o que isso significava. A senhora retomou: "Como! meu caro, tu não me reconheces? Ah! é verdade; estou todo coberto de lama! Sou Charles Z..." A este nome, os assistentes se lembraram de um senhor morto, alguns meses antes, atingido de um ataque de apoplexia, na beira de um caminho; tinha caído num fosso, de onde se tinha retirado seu corpo, coberto de lama. Ele declara que, querendo conversar com seu antigo amigo, aproveitou de um momento em que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para se colocar em seu lugar. Com efeito, tendo se renovado esta cena vários dias seguidos, a senhora A... tomava cada vez as poses e as maneiras habituais do Sr. Charles, virando-se sobre a costa da poltrona, cruzando as pernas, roçando o bigode, passando os dedos sobre seus cabelos, de tal sorte que, salvo o vestuário, poder-se-ia crer ter o Sr. Charles diante de si; no entanto, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

- P. Uma vez que tomastes posse do corpo da senhora A..., poderíeis ali ficar? –

- R. Não, mas isso não é a boa vontade que me falta.

- P. Por que não o podeis?

- R. Porque seu Espírito está sempre preso ao seu corpo. Ah! se eu pudesse romper esse laço, pregar-lhe-ia uma peça.

- P. Que fez durante esse tempo o Espírito da senhora A... ?

- R. Estava lá, ao lado, me olhava e ria de ver-me nesse vestuário.

Essas conversas eram muito divertidas; o Sr. Charles fora um alegre vivente, não desmentia seu caráter; dado à vida material, era pouco avançado como Espírito, mas naturalmente bom e benevolente. Tomando do corpo da senhora A..., não tinha nenhuma intenção má; também essa senhora não sofria de nenhum modo dessa situação, à qual se prestava de boa vontade, É bom dizer que ela não havia conhecido esse senhor, e não podia estar com efeito em suas maneiras. Há ainda a anotar que os assistentes nem pensavam nele, a cena não foi provocada, e que veio espontaneamente.

A possessão é aqui evidente e ressalta melhor dos detalhes, que seria muito longo reportar; mas é uma possessão inocente e sem inconveniente.

Não ocorre o mesmo quando ela é o fato de um Espírito mau e mal intencionado; pode então ter conseqüências tanto mais graves quanto esses Espíritos sejam tenazes, e que se torna, frequentemente, muito difícil livrar deles o paciente do qual fazem sua vítima.

Eis disso um exemplo recente, que nós mesmos podemos observar, e que foi objeto de estudo sério pela Sociedade de Paris.

A senhorita Julie, doméstica, nascida em Savoie, com a idade de vinte e três anos, de um caráter muito doce, sem nenhuma espécie de instrução, estava há algum tempo sujeita a acessos de sonambulismo natural, que duravam semanas inteiras; nesse estado ela vagava em seu serviço habitual, sem que as pessoas estranhas desconfiassem disso; seu trabalho mesmo era muito mais cuidadoso. Sua lucidez era notável; ela descrevia os lugares e os acontecimentos à distância com uma perfeita exatidão.

Há mais ou menos seis meses, tornou-se presa de crises de um caráter estranho, que ocorriam sempre durante o estado sonambúlico, de alguma sorte se tornou o estado normal. Ela se contorcia, rolava na terra como se debatesse sob a opressão de alguém que procurava estrangulá-la, e, com efeito, tinha todos os sintomas da estrangulação; acabava vencendo esse ser fantástico, tomava-o pelos cabelos, cobria-o em seguida de golpes, de injúrias e de imprecações, repreendendo-o sem cessar com o nome de Frédégonde, infame regente, rainha impudica, vil criatura suja de todos os crimes, etc. Sapeteava como se a pisasse sob os pés com raiva, lhe arrancasse suas roupas e seus adornos. Coisa bizarra, se tomava ela mesma por Frédégonde, se dava golpes dobrados sobre os braços, o peito e o rosto, dizendo: "Toma! toma! disse tens tu bastante, infame Frédégonde? Queres me sufocar, mas não alcançarás esse fim; queres te meter em minha caixa, mas eu saberia bem isso te afastar." Minha caixa era o termo do qual ela se servia para designar seu corpo. Nada poderia pintar o assento frenético com o qual ela pronunciava o nome de Frédégonde, rangendo os dentes, nem as torturas que ela experimentava nesses momentos.

Um dia, para se desembaraçar de seu adversário, agarrou uma faca e feriu-se a si mesma, mas se pôde detê-la a tempo para impedir um acidente. Coisa não menos notável, é que jamais ela não tomou nenhuma das pessoas presentes por Frédégonde; a dualidade era sempre em si mesma; era contra ela que dirigia seu furor quando o Espírito estava nela, e contra um ser invisível quando dele estava desembaraçado; para os outros, ela era doce e benevolente mesmo nos momentos de sua maior exasperação.

Essas crises, verdadeiramente terríveis, frequentemente, duravam algumas horas e se renovavam várias vezes por dia. Quando ela acabava por derrubar Frédégonde, caía num estado de prostração e acobramento do qual não saía senão com o tempo, mas que lhe deixava uma grande fraqueza e um embaraço na palavra. Sua saúde com isso era profundamente alterada; nada podia comer e ficava às vezes oito dias sem tomar alimento.

Os melhores alimentos tinham para ela um gosto terrível que a fazia rejeitá-los; era, para ela, a obra de Frédégonde, que queria impedi-la de comer.

Dissemos mais acima que essa jovem não recebeu nenhuma instrução; no estado de vigília, jamais ouviu falar de Frédégonde, nem de seu caráter, nem do papel que esta desempenhava. No estado de sonambulismo, ao contrário, sabia-o perfeitamente, e disse ter vivido em seu tempo. Não era Brunchaut, como se havia de início suposto, mas uma outra pessoa ligada à sua corte.

Uma outra nota, não menos essencial, é que, quando começaram essas crises, a senhorita Julie jamais tinha se ocupado do Espiritismo, cujo nome mesmo lhe era desconhecido. Ainda hoje, no estado de vigília, lhe é estranha e não crê nele. Não o conhece senão no estado de sonambulismo, e somente depois que se começou a cuidar dela. Tudo o que ela disse, pois, foi espontâneo.

Em presença de uma situação tão estranha, uns atribuem o estado dessa jovem a uma afecção nervosa; outros a uma loucura de um caráter especial, e é necessário convir que, à primeira vista, esta última opinião tinha uma aparência de realidade. Um médico declarou que, no estado atual da ciência, nada podia explicar semelhantes fenômenos, e que não via nenhum remédio. No entanto, pessoas experimentadas em Espiritismo reconheceram sem dificuldade que ela estava sob o império de uma subjugação das mais graves e que poderia lhe tornar fatal. Sem dúvida, aquele que não tivesse visto senão os momentos de crise, e não tivesse considerado senão a estranheza de seus atos e de suas palavras, teria dito que ela estava louca, e ter-lhe-ia infligido o tratamento dos alienados que, sem nenhuma dúvida, teria determinado uma loucura verdadeira; mas esta opinião deveria ceder diante dos fatos.

No estado de vigília, sua conversação era a de uma pessoa de sua condição e em relação com sua falta de instrução; sua própria inteligência era vulgar; era tudo diferente no estado de sonambulismo: nos momentos de calma, ela raciocina com muito sentido, justeza e uma verdadeira profundidade; ora, essa seria uma singular loucura quanto aquela que aumentaria a dose de inteligência e de julgamento. Só o Espiritismo pode explicar essa anomalia aparente. No estado de vigília, sua alma ou Espírito está comprimido por órgãos que não lhe permitem senão um desenvolvimento incompleto; no estado de sonambulismo, a alma, emancipada, está em parte livre de seus laços e goza da plenitude de suas faculdades. Nos momentos de crise, seus atos e suas palavras não são excêntricas senão para aqueles que não creem na ação dos seres do mundo invisível; não vendo senão o efeito, não remontam à causa, eis porque todos os obsidiados, subjugados e possessos passam por loucos. Nas casas de alienados, em todos os tempos, houve pretensos loucos dessa natureza, e que se curariam facilmente se não se obstinassem em não ver neles senão uma doença orgânica.

Diante de tais fatos, como a senhorita Julie era sem recursos, uma família de verdadeiros e sinceros Espíritas consentiu em tomá-la a seu serviço, mas nessa posição ela devia ser muito mais um embaraço do que uma utilidade, e seria necessário um verdadeiro devotamento para dela se encarregar. Mas essas pessoas disso foram bem recompensadas, primeiro pelo prazer de fazer uma boa ação, e em seguida pela satisfação de ter contribuído poderosamente para a sua cura, hoje completa; dupla cura, porque não só a senhorita Julie está livre, mas seu inimigo está convertido para melhores sentimentos.

Eis o que testemunhamos numa dessas lutas terríveis que não duram menos de duas horas, e que pudemos observar o fenômeno nos mais minuciosos detalhes, fenômeno no qual reconhecemos imediatamente uma analogia completa com os dos possessos de Morzines (1-(1) Ver a Instrução sobre os possessos de Morzines, Revista Espírita de

dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.). A única diferença é que em Morzines os possesos se entregavam a atos contra os indivíduos que os contrariavam, e que falavam do diabo que tinham neles, porque lhes tinham persuadido de que era o diabo. A senhorita Julie, em Morzines, seria chamada Frédégonde, o Diabo.

Num próximo artigo, (página 8, à frente) exporemos com detalhe as diferentes fases dessa cura e os meios empregados para esse efeito; além disso narraremos as notáveis instruções que os Espíritos deram a esse respeito, assim como as importantes observações às quais deu lugar no tocante ao magnetismo. _____

*

<u>MÉDIUNS CURADORES</u>	
REVISTA ESPIRITA - JORNAL DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS	
<u>ALLAN KARDEC</u>	
SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS	
7a ANO	NO. 1
JANEIRO 1864	
AOS ASSINANTES DA REVISTA ESPÍRITA.	

MÉDIUNS CURADORES.

Um oficial de caçadores, Espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos das reformas morais que o Espiritismo pode operar, nos transmite os detalhes seguintes:

"Caro mestre, aproveitamos nossas longas horas de inverno para nos entregar com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades medianímicas. A tríade do 4º de caçadores, sempre unido, sempre vivente, se inspira de seus deveres, e ensaia novos esforços. Sem dúvida, desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Disso podereis julgar pelos detalhes seguintes. Há alguns meses nossos trabalhos têm por objetivo o estudo dos fluidos; esse estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora; também, aplicamo-la agora com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos com minha mão, bastou para tirar uma nevralgia violenta.

"Madame P... estava afetada, há vinte anos, de uma hiperestesia aguda ou sensibilidade exagerada da pele, enfermidade que a retinha em seu quarto há quinze anos. Ela mora numa pequena cidade vizinha, e, tendo ouvido falar de nosso grupo, veio procurar alívio junto a nós. Ao cabo de trinta e cinco dias, voltou completamente curada. Durante esse tempo, recebeu cada dia um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

"Dávamos, ao mesmo tempo, nossos cuidados a um epilético, atingido por essa terrível enfermidade há vinte e sete anos. As crises se renovavam quase cada noite, e cada vez sua mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para essa cura importante, e que estava feliz, essa mãe, acompanhando seu filho radicalmente curado! Nós revezávamos, todos os três, de oito dias em oito dias, para a emissão fluídica, colocávamos a mão, ora sobre a cavidade do estômago do enfermo, ora sobre a nuca, no início do pescoço. Cada dia o enfermo podia constatar uma melhora; nós mesmos, depois da evocação e durante o recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em

nós, e escapar-se de nossos dedos alongados e de nosso braço estendido para o corpo do sujeito que tratávamos.

"Dávamos nesse momento nossos cuidados a um segundo epilético; desta vez, a enfermidade seria talvez mais rebelde, uma vez que é hereditária. O pai deixou, aos seus quatro filhos, o germe dessa afecção; enfim, com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, esperamos reduzi-la em todos os quatro.

"Caro mestre, reclamamos o socorro de vossas preces e as de nossos irmãos de Paris. Esse socorro será para nós um encorajamento e um estímulo aos nossos esforços. Depois, vossos bons Espíritos podem vir em nossa ajuda, tornar o tratamento mais salutar e abreviar-lhe a duração.

"Não aceitamos por toda recompensa, como bem o pensais, e ela deve ser suficiente, senão a satisfação de ter feito nosso dever e de ter obedecido ao impulso dos bons Espíritos. O verdadeiro amor ao próximo carrega consigo uma alegria sem mistura, e deixa em nós alguma coisa de luminosa, que encanta e que eleva a alma. Também procuramos, tanto quanto nossas imperfeições no-lo permitem, nos compenetrar dos deveres do verdadeiro Espírita, que não devem ser senão a aplicação dos preceitos evangélicos.

"O Sr. A... de L... deve nos conduzir seu cunhado, que um Espírito malfazejo subjuga há dois anos. Nosso guia espiritual Lamennais nos encarrega do tratamento dessa obsessão rebelde. Deus nos daria também o poder de expulsar os demônios? Se assim for, não teríamos senão que nos humilhar diante de um tão grande favor, em lugar de nos orgulharmos. Quanto maior ainda não seria para nós a obrigação de nos melhorar, para disso testemunhar-lhe nosso reconhecimento e para não perder dons tão preciosos?"

Essa interessante carta, tendo sido lida na Sociedade Espírita de Paris, na sua sessão de 18 de dezembro de 1863, um dos nossos bons médiuns obteve espontaneamente, a esse respeito, as duas comunicações seguintes:

"A vontade, existindo no homem em diferentes graus de desenvolvimento, serviu, em todas as épocas, seja para curar, seja para aliviar. É lamentável ser obrigado a constatar que ela foi também a fonte de muitos males, mas é uma das conseqüências do abuso que, frequentemente, o ser faz de seu livre arbítrio. A vontade desenvolve o fluido seja animal, seja espiritual, porque, o sabeis todos agora, há vários gêneros de magnetismo, entre os quais estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que pode, segundo a ocorrência, pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

"A vontade foi, frequentemente, mal compreendida; em geral aquele que magnetiza não pensa senão em desdobrar sua força fluídica, senão em derramar seu próprio fluido sobre o paciente submetido a seus cuidados, sem se ocupar se há ou não uma Providência que nisso se interessa tanto e mais do que ele; agindo só, não pode obter senão o que sua única força pode produzir; ao passo que os médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus, e para reconhecer que, por eles mesmos, não podem nada; fazem, por isso mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se muito fracos por si mesmos, Deus, em sua solicitude, lhes envia poderosos recursos que não pode obter o primeiro, uma vez que se julga suficiente para a obra empreendida. Deus recompensa sempre a humildade sincera elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse recurso que envia, são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benfazejo, que este transmite ao enfermo. Também é por isso que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão poderoso e produz essas curas qualificadas de

miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador comum se esgota, frequentemente, em vão, em fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela única imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos; mas esse concurso não é concedido senão à fé sincera e à pureza de intenção." MESMER (Médium, Sr. Albert).

"Uma palavra sobre os médiuns curadores, dos quais vindes de falar. Estão todos nas disposições mais louváveis; têm a fé que ergue as montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida, a humildade que os santifica. Que perseverem na obra de beneficência, que empreenderam; que se recordem bem que aquele que pratica as leis sagradas que o Espiritismo ensina, se aproxima constantemente do Criador. Que, quando empregam sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre seu guia, seu ponto de apoio. O Cristo vos deu, em toda a sua existência, a prova mais irrecusável da vontade mais firme, mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando dizia às vezes: Eu quero, essa palavra estava cheia de unção; seus apóstolos, que o cercavam, sentiam seus corações se abrirem a essa santa palavra. A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade de seu Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos de vontade que se possa propor para exemplo." PAULO, apóstolo (Médium, Sr. Albert).

Algumas explicações darão facilmente a compreender o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético comum pode dar, a certas substâncias, propriedades particulares ativas; neste caso, age de alguma sorte como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos; nada há, pois, de espantoso em que possa mesmo modificar o estado de certos órgãos; mas compreende-se, igualmente, que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões de "bom ou mau fluido; fluido agradável ou penoso." Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido que não é outro senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de uma pureza absoluta, e é por isso que sua ação curativa é lenta, algumas vezes nula, algumas vezes mesmo nociva, porque pode transmitir ao enfermo princípios mórbidos. Desde que um fluido seja bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, não se segue, de nenhum modo, que tenha qualidades necessárias para curar; é a força que abate, e não o bálsamo que abranda e repara; assim ocorre com os Espíritos desencarnados de uma ordem inferior, cujo fluido pode mesmo ser malfazejo, o que os Espíritos têm, a cada instante, a ocasião de constatar. Só nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; de alguma sorte, ele é quintessenciado; sua ação, por consequência, deve ser mais salutar e mais pronta; é o fluido benfazejo por excelência. Uma vez que não se pode encontrá-lo entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, é preciso, pois, pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar nas regiões longínquas os remédios que não se encontram na sua. O médium curador emite pouco de seu próprio fluido; ele sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de condutor; é com esse fluido que magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem, o outro dos Espíritos. Como se vê, não há aí nada de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da Natureza que não se conhecia.

Para curar pela terapêutica comum, não basta qualquer medicamento; são necessários puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados; pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais

saudáveis; desde que esses fluidos benfazejos são dos Espíritos Superiores, é, pois, o concurso destes últimos que é necessário obter; é por isso que a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar, e sobretudo orar com fervor, é preciso a fé; para que a prece seja escutada, é preciso que seja feita com humildade e ditada por um sentimento real de benevolência e de caridade; ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, e não há devotamento sem desinteresse; sem essas condições, o magnetizador, privado da assistência dos bons Espíritos, nisso está reduzido às suas próprias forças, frequentemente insuficientes, ao passo que com seu concurso podem ser centuplicados em poder e em eficácia. Mas não há licor, tão puro que seja, que não se altere passando por um vaso impuro; assim ocorre com o fluido dos Espíritos superiores passando pelos encarnados; daí, para os médiuns em que se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, há necessidade de trabalhar para a sua melhoria moral.

Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, esta diferença capital, que o primeiro magnetiza com seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos; de onde se segue que estes últimos dão seu concurso àqueles que querem e quando querem; que podem recusá-lo, e, por conseqüência, tirar a faculdade àquele que dela abusasse ou a desviasse de seu objetivo humanitário e caridoso para dela fazer um tráfico. Quando Jesus disse aos seus apóstolos: "Ide! expulsai os demônios, curai os enfermos", acrescentou: "Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente."

Os médiuns curadores tendem a se multiplicar, assim como os Espíritos anunciaram, e isto tendo em vista propagar o Espiritismo pela impressão que essa nova ordem de fenômenos não pode deixar de produzir sobre as massas, porque não há ninguém que não pense em sua saúde, mesmo os mais incrédulos. Quando, pois, se virem obter com o concurso dos Espíritos o que a ciência não pode dar, hão de convir que há uma força fora de nosso mundo; a ciência será assim conduzida a sair da via exclusivamente material onde permanece até este dia; quando os magnetizadores anti-espiritualistas, ou anti-espíritas, virem que existe um magnetismo mais poderoso do que o seu, serão forçados a remontar à verdadeira causa.

Importa, no entanto, premunir-se contra o charlatanismo, que não faltará em tentar explorar, em seu proveito, essa nova faculdade. Há, para isso, um meio muito simples, é o de recordar-se de que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade. Se há uma faculdade dada por Deus num objetivo santo, sem contradita, é esta, uma vez que exige imperiosamente o concurso dos Espíritos Superiores, e que esse concurso não pode ser adquirido pelo charlatanismo. É a fim de que se esteja bem edificado sobre a natureza toda especial dessa faculdade que a descrevemos com alguns detalhes. Embora tivéssemos podido constatar-lhe a existência por fatos autênticos, dos quais vários se passaram sob os nossos olhos, pode-se dizer que ela é ainda rara, e que não existe senão parcialmente nos médiuns que a possuem, seja porque estes não tenham todas as qualidades requeridas para possuí-la em toda a sua plenitude, seja porque ela está em seu início; é porque os fatos não tiveram, até este dia, senão pouca repercussão; mas não tardará a tomar os desenvolvimentos de natureza a fixar a atenção geral; daqui a poucos anos se revelará em algumas pessoas predestinadas a esse efeito, com uma força que triunfará de muitas obstinações; mas não são esses os únicos fatos que o futuro nos reserva, e pelos quais Deus confundirá os orgulhosos e os convencerá da impotência. Os médiuns curadores são um dos mil meios providenciais para alcançar esse objetivo de acelerar o triunfo do Espiritismo. Compreende-se facilmente que essa qualificação não pode ser dada aos médiuns escreventes, que obtêm prescrições médicas de certos Espíritos.

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico, e como meio de propagação, mas não como recurso habitual; num próximo artigo trataremos de sua aliança possível com a medicina e o magnetismo ordinários.

UM CASO DE POSSESSÃO. Senhorita Julie.

(2o artigo. - Ver o número de dezembro de 1863.)

Em nosso precedente artigo descrevemos a triste situação dessa jovem, e as circunstâncias que provam nela uma verdadeira possessão. Estamos felizes ao confirmar o que dissemos de sua cura, hoje completa. Depois de ser livrada de seu Espírito obsessor, os violentos abalos que sentira durante mais de seis meses tinham-lhe trazido uma grave perturbação em sua saúde; agora está inteiramente refeita, mas não saiu de seu estado sonambúlico, o que não a impede de aplicar-se aos seus trabalhos habituais.

Vamos expor as circunstâncias dessa cura.

Várias pessoas tinham empreendido magnetizá-la, mas sem muito sucesso, salvo uma leve e passageira melhora em seu estado patológico; quanto ao Espírito, estava cada vez mais tenaz, e as crises tinham atingido um grau de violência dos mais inquietantes. Teria sido preciso ali um magnetizador nas condições que indicamos no artigo precedente para os médiuns curadores, quer dizer, penetrando o enfermo de um fluido bastante puro para eliminar o fluido do mau Espírito. Se há um gênero de mediunidade que exige uma superioridade moral, é sem contradita no caso de obsessão, porque é necessário ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. Os casos de possessão, segundo o que foi anunciado, devem se multiplicar com uma grande energia daqui a algum tempo, a fim de que a impossibilidade dos meios empregados até o presente, para combatê-los, esteja bem demonstrada. Uma circunstância mesmo, da qual não podemos ainda falar, mas que tem uma certa analogia com o que se passou ao tempo do Cristo, contribuirá para desenvolver essa espécie de epidemia demoníaca. Não é, pois, duvidoso que surgirão médiuns especiais tendo o poder de expulsar os maus Espíritos, como os apóstolos tinham o de expulsar os demônios, seja porque Deus coloca sempre o remédio ao lado do mal, seja para dar aos incrédulos uma nova prova da existência dos Espíritos.

Para a senhorita Julie, como em todos os casos análogos, o magnetismo simples, embora enérgico que fosse, era, pois, insuficiente; seria preciso agir simultaneamente sobre o Espírito obsessor para o dominar, e sobre o moral do enfermo enfraquecido por todos esses abalos; o mal físico não era senão consecutivo; era um efeito e não a causa; seria preciso, pois, tratar a causa antes do efeito; destruído o mal moral, o mal físico deveria desaparecer por si mesmo. Mas para isso era preciso se identificar com a causa; estudar com o maior cuidado e em todas suas nuances o curso das idéias, para lhe imprimir tal ou tal direção mais favorável, porque os sintomas variam segundo o grau de inteligência do sujeito, o caráter do Espírito e os motivos da obsessão, motivos cuja origem remonta, quase sempre, às existências anteriores.

O insucesso do magnetismo sobre a senhorita Julie fez com que várias pessoas tentassem; no número delas achava-se um jovem dotado de uma grande força fluídica,

mas a quem, infelizmente, faltava totalmente a experiência, e, sobretudo, conhecimentos necessários em semelhante caso. Atribuía-se um poder absoluto sobre os Espíritos inferiores que, segundo ele, não podiam resistir à sua vontade; essa pretensão, levada ao excesso e fundada sobre sua força pessoal, e não sobre a assistência dos bons Espíritos, devia lhe atrair mais de uma decepção. Só isso teria devido bastar para mostrar, aos amigos da jovem, que lhe faltava a primeira das qualidades requeridas para lhe ser um socorro eficaz. Mas o que, acima de tudo, teria devido esclarecê-los, é que ele professava, sobre os Espíritos em geral, uma opinião completamente falsa. Segundo ele, os Espíritos superiores são de uma natureza fluídica muito etérea para poderem vir sobre a Terra comunicar-se com os homens e assisti-los; isso não é possível senão aos Espíritos inferiores em razão de sua natureza mais grosseira. Essa opinião, que não é outra senão a da doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, tinha um erro muito grave de sustenta-la diante do enfermo, mesmo nos momentos de crise. Com esta maneira de ver, devia não contar senão consigo mesmo, e não podia invocar a única assistência que teria podido secundá-lo, assistência da qual, é verdade, acreditava não necessitar; a consequência mais lastimável era para o enfermo que desencorajava, tirando-lhe a esperança da assistência dos bons Espíritos. No estado de enfraquecimento em que estava seu cérebro, uma tal crença, que dava todo poder ao Espírito obsessivo, podia se tornar fatal para a sua razão, podia mesmo matá-la. Assim, ela repetia sem cessar, nos momentos de crise: "Louca... louca... ele me tornará louca... inteiramente louca... não o sou ainda, mas tornar-me-ei." Falando de seu magnetizador, ela pintava perfeitamente sua ação dizendo: "Ele me dá a força do corpo, mas não me dá a força do espírito." Esta palavra era profundamente significativa, e, no entanto, ninguém lhe atribuía importância.

Quando vimos a senhorita Julie, o mal estava em seu apogeu, e a crise, da qual fomos testemunha, foi uma das mais violentas; foi no momento mesmo em que nos aplicamos em elevar seu moral, em que procuramos lhe inculcar o pensamento de que ela podia domar esse mau Espírito com a assistência dos bons e de seu anjo guardião, do qual invocaria o apoio, foi nesse momento, dizíamos, que o jovem magnetizador, que se encontrava presente, por uma circunstância providencial, sem dúvida, veio, sem provocação nenhuma, afirmar e desenvolver a sua teoria, destruindo de um lado o que fazíamos de outro. Tivemos que lhe expor com energia que cometia uma ação má, assumindo sobre si a terrível responsabilidade da razão e da vida dessa infeliz jovem.

Um fato dos mais singulares, que todo mundo havia observado, mas do qual ninguém havia deduzido as consequências, se produzia na magnetização. Quando ela ocorria durante a luta com o mau Espírito, este último, sozinho, absorvia todo o fluido que lhe dava mais força, ao passo que a enferma se achava enfraquecida e sucumbia sob seus ataques. Deve-se lembrar que ela estava sempre em estado de sonambulismo; via, por consequência, o que se passava, e é ela mesma que dá esta explicação. Não viram nesse fato senão uma malícia do Espírito, e contentavam-se em absterem-se de magnetizar nesses momentos e de ficar assistindo a festa. Com o conhecimento da natureza dos fluidos, pode-se facilmente se dar conta desse fenômeno. É evidente, primeiro, que absorvendo o fluido para se dar a força em detrimento da enferma, o Espírito queria convencer o magnetizador da impossibilidade com respeito à sua pretensão; se havia malícia de sua parte, era contra o magnetizador, uma vez que se servia da própria arma com a qual este último pretendia derrubá-lo; pode-se dizer que lhe tirava o bastão das mãos. Era não menos evidente que sua facilidade em se apropriar do fluido do magnetizador denotava uma afinidade entre esse fluido e o seu próprio, ao passo que os fluidos de uma natureza contrária teriam se repellido, como a água e o azeite. Só esse fato bastaria para demonstrar que havia outras condições a preencher. É, pois, um erro dos

mais graves, e podemos dizer dos mais funestos, o de não ver na ação magnética senão uma simples emissão fluídica, sem ter em conta da qualidade íntima dos fluidos. Na maioria dos casos, o sucesso repousa inteiramente sobre essas qualidades, como na terapêutica depende da qualidade do medicamento. Não seria demais chamar a atenção sobre este ponto capital, demonstrado, ao mesmo tempo, pela lógica e pela experiência.

Para combater a influência da doutrina do magnetizador que, já, tinha influído sobre as idéias da enferma, dissemos a esta: "Minha filha, tende confiança em Deus; olhai ao vosso redor; não vedes os bons Espíritos? - É verdade, disse ela; vejo-os luminosos, que Frédégonde não ousa olhar. - Pois bem! esses são aqueles que vos protegem e que não permitirão que o mau Espírito tenha o poder; implorai a sua assistência; orai com fervor; orai sobretudo para Frédégonde. -Oh! Por ela, jamais o poderei. - Cuidado! vereis com essa palavra os bons Espíritos se afastarem. Se quereis sua proteção, é preciso merecê-la por vossos bons sentimentos, em vos esforçando sobretudo em ser melhor do que vosso inimigo. Como quereis que vos sustentem, se não valeis mais do que ele? Pensai que, em outras existências, tivestes também censura a vos fazer; o que vos chega é uma expiação; se quereis fazê-la cessar, é preciso vos melhorar, e para provar as vossas boas intenções, é preciso começar por vos mostrar boa e caridosa para com o vosso inimigo. A própria Frédégonde com isso será tocada, e talvez fareis entrar o arrependimento em seu coração. Refleti. - Eu o farei. -Fazei-o em seguida, e dizei comigo: "Meu Deus, eu perdoo a Frédégonde o mal que ela me fez; eu a aceito como uma prova e uma expiação que mereci; perdoai minhas próprias faltas, como lhe perdoo as suas; e vós, bons Espíritos que me cercais, abri o seu coração a melhores sentimentos, e dai-me a força que me falta. Prometa orar todos os dias por ela? - Eu o prometo. - Está bem; de meu lado vou me ocupar convosco e dela; tende confiança. -Oh! obrigado! alguma coisa me diz que isto vai logo acabar."

Tendo dado conta desta cena à Sociedade, as instruções seguintes ali foram dadas a este respeito:

"O assunto do qual vos ocupais emocionou os próprios bons Espíritos que querem, ao seu turno, vir em ajuda a essa jovem com os seus conselhos. Ela apresenta um caso de obsessão, com efeito muito grave, e entre aqueles que tendes visto, e que vereis ainda, pode-se colocar este no número dos mais importantes, dos mais sérios, e sobretudo dos mais interessantes pelas particularidades instrutivas que já apresentou e que vos oferecerá de novo.

"Como já vos disse, esses casos de obsessão se renovarão frequentemente, e fornecerão dois assuntos distintos de utilidade, para vós primeiro, e para aqueles que o sofrerão em seguida.

"Para vós primeiro, naquilo que, do mesmo modo que vários eclesiásticos contribuíram poderosamente para difundir o Espiritismo entre aqueles que lhes eram perfeitamente estranhos, do mesmo modo também esses obsidiados, cujo número se tornará bastante importante para que deles não se ocupe de maneira não superficial, mas grande e profunda, abrirão bastante as portas da ciência para que a filosofia espírita possa com eles nela penetrar, e ocupar, entre as pessoas de ciência e os médicos de todos os sistemas, o lugar ao qual tem direito.

"Para eles em seguida, naquilo que, no estado de Espírito, antes de se encarnarem entre vós aceitaram essa luta que lhes proporciona a possessão que sofrem, tendo em vista o seu adiantamento, e essa luta, crede-o bem, faz cruelmente sofrer seu próprio Espírito que, quando seu corpo, de algum modo, não é mais seu, tem perfeitamente consciência do que se passa. Segundo terão suportado essa prova, da qual podeis abreviar-lhes

poderosamente a duração por vossas preces, terão progredido mais ou menos; porque, estejais disto certos, apesar dessa possessão, sempre momentânea, guardam uma suficiente consciência de si mesmos para discernir a causa e a natureza de sua obsessão.

"Para esta que vos ocupa, um conselho é necessário. As magnetizações que lhe faz suportar o Espírito encarnado do qual lhe falastes, são funestas sob todos os aspectos. Aquele Espírito é sistemático; e que sistema! Aquele que não relaciona todas as suas ações à maior glória de Deus, que tira a vaidade das faculdades que lhe foram concedidas, será sempre confundido; os presunçosos serão rebaixados, neste mundo, frequentemente, infalivelmente no outro. Tratai, pois, meu caro Kardec, que essas magnetizações cessem completamente, ou os inconvenientes mais graves resultarão de sua continuação, não só para a jovem, mas ainda para o imprudente que pensa ter sob suas ordens todos os Espíritos das trevas e os comandar como senhor.

"Vereis, digo, esses casos de possessão e de obsessão se desenvolverem durante um certo período de tempo, porque são úteis ao progresso da ciência e do Espiritismo; será por aí que os médicos e os sábios abrirão, enfim, os olhos e aprenderão que há enfermidades cujas causas não estão na matéria, e que não devem ser tratadas pela matéria. Esses casos de possessão, igualmente, vão abrir ao magnetismo horizontes totalmente novos e levá-lo a dar grande passo adiante pelo estudo, até o presente tão imperfeito, dos fluidos; com a ajuda desses novos conhecimentos, e pela sua aliança íntima com o Espiritismo, obterá as maiores coisas; infelizmente, no magnetismo, como na medicina, haverá por muito tempo ainda homens que crerão não terem mais nada a aprender. Essas obsessões frequentes terão também um lado muito bom, por isso que sendo penetrada pela prece e pela força moral, pode-se fazê-las cessar e adquirir o direito de expulsar os maus Espíritos e, pelo melhoramento de sua conduta, cada um procurará adquirir o direito que o Espírito de Verdade, que dirige este globo, conferirá quando for merecido. Tende fé e confiança em Deus, que não permite que se sofra inutilmente e sem motivo."

HAHNEMANN (Médium, Sr. Albert).

*

"Serei breve. Será muito fácil curar essa infeliz possessa; os meios para isto estão implicitamente contidos nas reflexões que foram emitidas há pouco por Allan Kardec. É preciso não só uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. Ao Espírito encarnado que se encontra, como Julie, em estado de possessão, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convencido da verdade Espírita; é preciso que seja, além disso, de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessivo, é necessário a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrena; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. Se até esta hora essa ação não foi cumprida, é justamente para vos levar ao estudo e à experimentação dessa interessante questão; foi por este efeito que Julie não foi livrada mais cedo: ela deveria servir para os vossos estudos.

"Isso vos demonstra o que tereis a fazer doravante nos casos de possessão manifesta; é indispensável chamar em vossa ajuda o concurso de um Espírito elevado, gozando, ao mesmo tempo, de um poder moral e fluídico, como, por exemplo, o excelente cura d'Ars, e sabeis que podeis contar com a assistência desse digno e santo Vianney. Além disso, nosso concurso é dado a todos aqueles que nos chamarem em sua ajuda, com pureza do coração e fé verdadeira.

"Resumindo: Quando se magnetizar Julie, será preciso primeiro proceder pela fervorosa evocação do cura d'Ars e de outros bons Espíritos que se comunicam

habitualmente entre vós, rogando-lhes agirem contra os maus Espíritos que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas. Não é preciso esquecer, não mais, que a prece coletiva tem um poder muito grande, quando é feita por um certo número de pessoas agindo de acordo, com fé viva e um desejo ardente de aliviar." ERASTO (Médium, Sr. d'Ambel)

*

Estas instruções foram seguidas; vários membros da Sociedade se entenderam para agir pela prece em condições desejadas. Um ponto essencial era levar o Espírito obsessor a se emendar, o que deveria, necessariamente, facilitar a cura. Foi o que se fez evocando-o e dando-lhe conselhos; prometeu não mais atormentar a senhorita Julie, e teve palavra. Um de nossos colegas foi especialmente encarregado, por seu guia espiritual, de sua educação moral, e ocorreu de nisso ser satisfeito. Esse Espírito, hoje, trabalha seriamente pela sua melhoria e pede uma nova encarnação para expiar e reparar suas faltas.

A importância do ensino que decorre deste fato e das observações às quais deu lugar, não escapará a ninguém, e cada um nele poderá haurir muitas instruções segundo a ocorrência. Uma nota essencial que esse fato permitiu constatar, e que se compreenderá sem dificuldade, é a influência do bem. É muito evidente que se o meio secunda por uma unidade de vistas, de intenção e de ação, o enfermo se encontra numa espécie de atmosfera homogênea de fluidos benfazejos, o que deve, necessariamente, facilitar e apressar o sucesso; mas se houver desacordo, oposição; se cada um quer agir à sua maneira, disso resulta desacordos, correntes contrárias que paralisarão forçosamente, e às vezes anulam, os esforços tentados para a cura. Os eflúvios fluídicos, que constituem a atmosfera moral, se são maus, são também funestos a certos indivíduos quanto as exalações das regiões pantanosas. _____

*

PALESTRAS DE ALÉM-TÚMULO. Fredegunda

Damos a seguir as duas evocações do Espírito de Frédégonde, feitas na Sociedade, com um mês de intervalo, e que formam o complemento dos dois precedentes artigos sobre a possessão da senhorita Julie. Esse Espírito não se manifestou com sinais de violência, mas escrevia com uma dificuldade muito grande e cansava extremamente o médium, que com isso ficava mesmo indisposto, e cujas faculdades pareciam, de alguma sorte, paralisá-las. Na previsão desse resultado, tivemos o cuidado de não confiar essa evocação a um médium muito delicado.

Numa outra circunstância, um Espírito, interrogado à conta deste, dissera que, há muito tempo procurava se reencarnar, mas que isso não lhe fora permitido, porque seu objetivo não era ainda de se melhorar, sendo seu objetivo, ao contrário, de ter mais facilidade para fazer o mal, com a ajuda de um corpo material. De tais disposições deviam tornar sua conversa muito difícil; ela não o foi, no entanto, tanto quanto se poderia temê-lo, graças, sem dúvida, ao concurso benevolente de todas as pessoas que nisso participaram, e talvez também porque tinha chegado o tempo em que esse Espírito deveria entrar no caminho do arrependimento.

(16 de outubro de 1863 - Médium, Sr. Leymarie.)

1. Evocação. - Resp. Não sou Frédégonde; que quereis de mim?
2. Quem sois, pois? - R Um Espírito que sofre.

3. Uma vez que sofreis, deveis desejar não mais sofrer; nós vos assistiremos, porque nos compadecemos com todos aqueles que sofrem neste mundo e no outro; mas é preciso que nos secundeis, e, para isso, é preciso que oreis. - R. Eu vos agradeço por isso, mas não posso orar.

4. Vamos orar, isto vos ajudará; tende confiança na bondade de Deus, que perdoa sempre àquele que se arrepende. - R Creio em vós; orai, orai; talvez eu possa me converter.

5. Mas não basta que oremos, é preciso orar de vosso lado. - R Eu quis orar, e não pude; agora vou tentar com a vossa ajuda.

6. Dizei conosco: Meu Deus, perdoai-me, porque pequei; arrependo-me do mal que fiz. - R Eu o digo; depois.

7. Isso não basta; é necessário escrever. - R Meu.... (Aqui o Espírito não pôde escrever a palavra Deus; não foi senão depois de forte encorajamento que chegou a terminar a frase, de maneira irregular e pouco legível.)

8. Não é preciso dizer isso pela forma; é necessário pensá-lo, e tomar a resolução de não mais fazer o mal, e vereis que logo estareis aliviada. - R Vou orar.

9. Se orastes sinceramente, com isso não vos sentis melhor? - R Oh! sim!

10. Agora, dai-nos alguns detalhes sobre a vossa vida e as causas de vossa obstinação contra Julie? - R Mais tarde... direi.... mas não posso hoje.

11. Prometeis deixar Julie em repouso? O mal que lhe fazeis recai sobre vós e aumenta os vossos sofrimentos. - R Sim, mas sou impelida por outros Espíritos piores do que eu.

12. É uma desculpa má que dais aí para vos desculpar; em todos os casos, deveis ter uma vontade, e com a vontade pode-se sempre resistir às más sugestões. — R Se eu tivesse a vontade, não sofreria; sou punido porque não soube resistir.

13. Mas mostrastes bastante para atormentar Julie; mas vindes de tomar boas resoluções, vos convidamos a persistir nisso, e pediremos aos bons Espíritos para vos secundarem.

OBSERVAÇÃO: Durante esta evocação, um outro médium obtinha de seu guia espiritual uma comunicação contendo, entre outras coisas, o que se segue: "Não vos inquieteis com as recusas que notais nas respostas deste Espírito: sua idéia fixa de se reencarnar fá-lo repelir toda solidariedade com o seu passado, posto lhe suporte todos os estudos. Ela é bem aquela que foi indicada, mas não quer concordar consigo mesma."

(13 de novembro de 1863.)

14. Evocação. - R. Estou pronta para responder.

15. Tendes persistido na boa resolução em que estáveis na última vez? - R Sim.

16. Como vos achastes com isso? - R Muito bem, porque orei e estou mais calma, bem mais feliz.

17. Com efeito, sabemos que Julie não foi mais atormentada. Uma vez que podeis vos comunicar mais facilmente, quereis nos dizer porque vos obstinastes junto dela? - R Estive esquecida durante séculos, e desejava que a maldição que cobre meu nome cessasse um pouco, a fim de que uma prece, uma só, viesse me consolar. Oro, creio em Deus; agora posso pronunciar o seu nome, e certamente é mais do que poderia esperar do benefício que podeis me conceder,

OBSERVAÇÃO. - No intervalo da primeira para a segunda evocação, o Espírito era chamado todos os dias por aquele de nossos colegas que foi encarregado de instruí-lo. Um fato positivo é que, a partir desse momento, a senhorita Julie deixou de ser atormentada.

18. É muito duvidoso que apenas o desejo de obter uma prece tenha sido o móvel que vos levou a atormentar aquela jovem; quereis, sem dúvida, ainda procurar encobrir vossos erros; em todo o caso, era um meio mau de atrair sobre vós a compaixão dos homens. - R. No entanto, se não tivesse atormentado muito Julie, não teríeis pensado em mim, e eu não teria saído do miserável estado em que me arrastava. Disso resultou uma instrução para vós e um grande bem para mim, uma vez que me abristes os olhos.

19. (*Ao guia do médium.*) É bem Frédégonde que dá esta resposta? - R. Sim, é ela, um pouco ajudada, é verdade, porque está humilhada; mas este Espírito é muito mais adiantado em inteligência do que pensais; é-lhe preciso o progresso moral com o qual a ajudais a dar o primeiro passo. Ela não vos disse que Julie tirará um grande proveito daquilo que se passou para o seu adiantamento pessoal.

20. (*A Frédégonde.*) A senhorita Julie vivia em vosso tempo, e poderíeis nos dizer o que ela era? - R. Sim; era uma de minhas damas de companhia, chamada Hildegarde; uma alma sofredora e resignada que fez a minha vontade; sofreu a pena de seus serviços muito humildes e muito complacentes a meu respeito.

21. Desejais uma nova encarnação? - R. Sim, eu a desejo. Ó meu Deus! sofri mil torturas, e se tenho merecido uma pena justa, ai de mim! é tempo que eu possa, com a ajuda de vossas preces, recomeçar uma existência melhor, a fim de me lavar de minhas antigas sujeiras. Deus é justo; orai por mim. Até este dia, eu tinha desconhecido toda a extensão de minha pena; tinha o olhar velado e como que uma vertigem; mas agora vejo, compreendo, desejo o perdão do Senhor com o olhar de minhas vítimas. Meu Deus, quanto é doce o perdão!

22. Dizei alguma coisa de Brunehaut! - R. BrunehautL. Esse nome me dá vertigem.... Ela é o grande erro de minha vida, e senti meu velho ódio despertar ao ouvir esse nome! ... Mas meu Deus me perdoará, e poderei doravante escrever este nome sem tremer. Mais feliz do que eu, ela está reencarnada pela segunda vez, e cumpre um papel que eu desejo, o de uma irmã de caridade.

23. Estamos felizes com a vossa mudança; nós vos encorajaremos e sustentaremos com as nossas preces. - R. Obrigada! obrigada! bons Espíritos, Deus vo-los restituirá.

OBSERVAÇÃO. - Um fato característico nos maus Espíritos é a impossibilidade em que estão, frequentemente, de pronunciarem ou escreverem o nome de Deus. Sem dúvida, isto denota uma natureza má, mas, ao mesmo tempo, um fundo de temor e de respeito que não sentem os Espíritos hipócritas, menos maus em aparência; estes últimos, longe de recuarem diante do nome de Deus, dele se servem afrontosamente para captar a confiança. São eles infinitamente mais perversos e mais perigosos do que os Espíritos francamente maus; é nesta classe que se acha a maioria dos Espíritos fascinadores, dos quais é mais difícil de se desembaraçar do que dos outros, porque é do próprio Espírito que se apoderam com a ajuda de uma falsa aparência de saber, de virtude ou de religião, ao passo que os outros se apoderam do corpo. Um Espírito que, como o de Frédégonde, recua diante do nome de Deus, está muito mais perto de sua conversão do que aqueles que se cobrem com a máscara do bem. Ocorre o mesmo entre os homens, onde encontrareis essas duas categorias de Espíritos, encarnados.